

O FUNCIONAMENTO DISCURSIVO EM PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO E LAÇO SOCIAL EM DISCURSOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: MOVIMENTO ANTIVACINA

Beatriz Almeida Gabardo¹ – Universidade Paulista

Wanderson Rodrigues Moraes² – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

O conceito de identificação é indispensável para compreender o sujeito atual imbricado nos fenômenos sociais e políticos da sociedade moderna. A identificação tem papel decisivo na formação social, na civilização e na cultura, o que introduz o sujeito no fenômeno de laço social, iniciando a sublimação dos impulsos sexuais e o surgimento do sentimento de pertencimento social, assim como um ato político que faz pulsar a pressão identificatória no sujeito, forçando-o a tomar partido a partir da implicação na sua relação com o mesmo. O laço social, iniciado pela identificação, é tecido na trama da linguagem, desta forma pode-se pensar que esses laços são pautados em discursos, que fazem, ordenam e regulam o vínculo social. Assim, tem-se no discurso o meio de processo para os fenômenos de identificação e laço social, encontrando subsídio em práticas de alcance social para veiculação de dizeres, como a mídia. No arcabouço tecnológico atual, a comunicação tornou-se instantânea, carregando “efeitos de cientificidade” pelos discursos em primazia na sociedade, tais como o de divulgação científica. Assim, temos como objetivo compreender como ocorre o funcionamento discursivo no que diz respeito aos processos de identificação e laço social em entrevistas sobre o movimento antivacina, nos pautando em princípios da Análise de Discurso e na Psicanálise. Sendo os grupos do movimento antivacina formados predominantemente por pais, acreditamos que a adesão a este movimento pode estar relacionada a um processo identificatório, o que discursivamente se dá pela retomada e efeitos de sustentação em família/cuidado, havendo tensão entre o político/científico quanto a legitimidade do uso das vacinas.

Palavras-chave: Análise de discurso. Psicanálise. Movimento anti-vacina. Divulgação científica.

Abstract:

The concept of identification is indispensable for understanding the current issue embedded in the social and political phenomena of modern society. The identification plays a decisive role in social formation, civilization, and culture, introducing the individual to the phenomenon of social bonding, initiating a sublimation of sexual impulses and the emergence of a sense of social belonging, as a political act that pulsates the identifying pressure on the subject, forcing it to take sides from the implication in their relation with the subject. The social bond, initiated by identification, is a tissue of language, thus these ties are based on discourses, which make, order and regulate the social bond. Thus, the discourse is the process for the phenomena of identification and social bond, finding support in social outreach practices for word conveyance, such as the media. In no current technological framework, communication has become instantaneous, carrying "scientific effects" through discourses in primordial society, such as scientific divulgation. Thus, we aim to understand how discursive functioning occurs with regard to the processes of identification and social bond in interviews about the anti-vaccine movement, based on the principles of Discourse Analysis and psychoanalysis. Being the anti-vaccine movement groups formed predominantly by parents, we believe that adherence to a movement may be related to an identification process, on what discursively happens by resumptions and sustaining effects on family / care, having tension between the political / scientific regarding the legitimacy of the use of vaccines.

Keywords: Discourse Analysis. Psychoanalysis. Anti-vaccine movement. Scientific divulgation.

Apresentação

¹Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista – Unip (Campus Swift – Campinas-SP).

²Licenciado em Ciências Biológicas (Unesp-Ilha Solteira). Mestre em Educação para a Ciências (Unesp-Bauru). Doutorando em Ensino de Ciências e Matemática (Unicamp).

Algumas das transformações ocorridas em nossa sociedade nas últimas décadas dizem respeito aos grandes avanços nas tecnologias de comunicação e sua estreita relação com os modos de vida e expressão das subjetividades do sujeito. Isso ocorre em meio a um processo de ascensão do individualismo pela separação entre esfera pública e privada/direitos individuais e bens coletivos, que deixa de ser percebido como fenômeno local e ultrapassa as fronteiras territoriais. Neste processo, o conceito de risco individual se estende a compreensão de uma “sociedade de risco”, articulada em torno da noção de perigo e os males, cujos efeitos dizem respeito às ameaças à vida desta e de futuras gerações, em que a ciência e seus saberes têm desempenhado o papel de instância legitimadora na gestão de riscos, com a palavra final em normas, prescrições e mecanismos de vigilância. Ainda neste momento, a mídia adquire papel fundamental quanto aos processos de ressignificação e visibilidade dos acontecimentos, em que novas formas de comunicação e interação se tornam produtos de poder transformador, reestruturando produções de sentido (SPINK et al., 2002).

Como apontado por Vasconcelos-Silva et al. (2015, 610), “as mídias se nos apresentam como portas de acesso a fornecer condições de consolidação de vínculos simbólicos com sistemas abstratos que tendem a se expandir e complexificar”, criando condições de amplificação de novos riscos nas dinâmicas sociais. Nesse contexto, a função jornalística ligada a uma aparente verdade, enuncia e traduz os conceitos complexos ao indivíduos, na relação “sociedade de risco” e “sociedade midiaticizada”. Em um estudo sobre o comércio de fraudes em panaceias da internet, Vasconcelos-Silva et al (2011) alertam sobre a convicção de que apenas discursos médico-científicos teriam credibilidade e efeito de verdade sobre o marketing dos produtos, em que todo o arsenal de argumentos pseudocientíficos encontra respaldo em inclinações sensacionalistas, que se valem da esperança e das angústias de seus consumidores, dispensando checagem junto a fontes qualificadas.

Brockington e Mesquita (2016), ao tratarem das consequências da divulgação de informações científicas distorcidas, abordam sobre o impacto emocional que estas acarretam em seus leitores, pelo funcionamento do que é chamado de “valor notícia”, que pode ser compreendido como o conjunto de elementos, princípios e valores pelo qual o sistema informativo controla o fluxo de informações sobre determinado assunto. Em outros termos, seria o que nossa sociedade capitalista traduziria por poder de “venda” da notícia. Dessa forma, quanto mais sensacionalista e impactante a informação científica for, maior é seu valor notícia. Além do impacto de fatores emocionais na veiculação de informações científicas, as mídias também se configuram como redes de suporte social, no qual “muitos outros rostos e relatos se misturam a novas enunciações e incompletudes” (VASCONCELOS-SILVA et al., 2015, p. 611). O primado das evidências

(científicas) são substituídos pela força das experiências e narrativas pessoais, em um processo regulatório, assim:

A base racional para decisões – que precisam ser certas ao tratar do futuro da prole – por vezes sem sentidos de suficiente concretude para decisões inequívocas pautam-se nesses subsistemas virtuais, que se configuram como as novas matrizes de racionalidades produtoras e organizadoras de sentido (VASCONCELOS-SILVA, 2015, p.611).

Dessa forma, para os consumidores de informação, se torna mais prudente a união aos rostos e biografias familiares do que se orientar apenas por médias e estatísticas intangíveis por natureza, em um processo de legitimação dos relatos de vida alinhados ao discurso científico (VASCONCELOS-SILVA, 2015). Discurso este que, apesar de todas as suas vicissitudes, não escapa de acontecer dentro da linguagem onde são tecidos os laços sociais.

Tendo em vista nossas considerações acerca da mídia e sua estruturação na produção de sentidos na sociedade, o lugar de primazia da ciência no que diz respeito a normatização e prescrição de práticas e produtos por meio da divulgação científica sobretudo ao que diz respeito a questões relativas a saúde e o fenômeno psicossocial de identificação mediando relações entre sujeitos e a disseminação de discursos, temos como objetivo deste trabalho compreender como ocorre o funcionamento discursivo no que diz respeito aos processos de identificação e laço social em recortes sobre um movimento que teve por base premissas científicas para veiculação e legitimação de seus discursos, o movimento antivacina.

1. Recortes do movimento antivacina

O desenvolvimento e aplicação de vacinas possui uma história de pelo menos 200 anos de pesquisa e estudo, que se iniciou com os trabalhos de Edward Jenner e seus colaboradores. Em 1796, o médico inglês ao observar o funcionamento da varíola bovina, realizou alguns experimentos sobre a varíola humana, após perceber que grande parte das pessoas que trabalhavam com a pecuária não desenvolviam a doença. Assim, inoculou secreções de pústula de varíola bovina em uma criança e após um período de dois anos, inoculou secreção de varíola humana, não havendo manifestações clínicas da doença, surgindo um protótipo da vacina em 1798.

De forma sucinta, as vacinas podem ser compreendidas como produtos biotecnológicos que agem em torno da noção de imunidade, ou seja, do estado de resistência ligado a presença de anticorpos em resposta a algum agente infeccioso, ou antígeno. Dessa forma, trata-se de um processo de imunização artificial através da inoculação de componentes que visam a resposta do organismo e a proteção duradoura, pela ativação de células de memória. Estas, em caso de uma

infecção recorrente, descarregam os anticorpos específicos sem necessidade de receber novamente outra dose (SANTOS et al., 2012; DINIZ; FERREIRA, 2010).

Assim, além das pesquisas de melhoramento, no Brasil a garantia de disponibilidade das vacinas e atendimento à população tem sido assegurada desde 1973, com o Programa Nacional de Imunização (PNI) pelo Ministério da Saúde, com medidas de ampla extensão de cobertura vacinal e ações de vacinação por meio de campanhas e calendários a todas as faixas etárias, instituídas desde 1980, sendo de responsabilidade dos governos federais, estaduais e municipais. No que diz respeito ao movimento antivacina, uma abordagem historiográfica sobre o assunto foge ao escopo desta pesquisa, visto que, só no Brasil, data de 113 anos atrás. Sucintamente, é um fenômeno que parece ter se alastrado com a adoção de discursos desfavoráveis ao uso das vacinas tanto por médicos e políticos como celebridades (SANTOS et al., 2012; DINIZ; FERREIRA, 2010).

Dentre as razões apresentadas para a rejeição de vacinas, estão o uso de mercúrio e outros materiais pesados em sua composição, o que apresentaria riscos à saúde, bem como a divulgação de uma pesquisa científica que apontava o uso de vacinas ligado ao desenvolvimento de autismo, pelo médico inglês Andrew Wakefield em um artigo publicado na revista *The Lancet*. Posteriormente, o trabalho foi contestado e provado ser uma farsa, articulado à um plano de interesses econômicos de uma empresa médica, o que levou a renomada revista se retratar em 2010 (TRINDADE, 2017). No entanto, a pesquisa foi o gatilho para que grupos antivacina surgissem, onde celebridades como Jim Carrey, Robert de Niro e Jenny McCarthy se tornaram lideranças vocais do movimento. Apesar de atualmente a atriz americana não se reconhecer como antivacina, adota o discurso ‘*pro-safe*’, a favor do uso de vacinas seguras, sendo frequentemente associada a tais movimentos se utilizando de discursos científicos e do lugar de mãe ao trazer relatos de seu filho, Evan.

2. Os fenômenos psicossociais de identificação e laço social

De forma a atender os objetivos da pesquisa, trazemos algumas considerações sobre nossas filiações teóricas, a constituição do corpus e os recortes feitos para análise, além de abordarmos o funcionamento da mídia e o discurso de divulgação científica para compreensão do material. Para a elaboração deste artigo nos serviremos também de conceitos psicanalíticos que permitam a leitura do fenômeno que propomos investigar. O primeiro deles é o conceito de identificação, o qual aparece de diferentes formas na obra freudiana. Também utilizaremos a modalidade de ausência de qualquer investimento sexual, o que acontece em contextos grupais.

A identificação, nesta modalidade, pode ser compreendida como a vontade e, ou, a capacidade de um sujeito se colocar em uma posição idêntica à de outros, onde ambos possuem

um elemento em comum (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). No movimento antivacina, observamos que o que se tem em comum é o medo e a desconfiança em relação a eficácia das vacinas e suas consequências na saúde de quem as recebe. Não podemos deixar de apontar a identificação do público com as celebridades que integram o movimento. Vaz (2006) apontou o quanto a fama convoca a identificação do público uma vez que pessoas famosas são a encarnação e a representação das fantasias, expectativas, anseios, desejos e sonhos alheios.

Outro conceito psicanalítico que utilizamos foi a concepção de laço social enquanto discurso. A forma de vínculo primordial entre os sujeitos acontece na linguagem. Entre o outro e o sujeito há uma articulação, ou seja, um discurso que produz atos e condutas do falante que o produz. Nesse discurso pode haver palavras, mas não prescinde delas para existir e operar. O discurso enquanto laço social ordena o público e o singular, evidenciando a constituição do sujeito enquanto identidade em um assujeitamento social. Uma das quatro formas de discurso enquanto laço social é o discurso universitário. Levaremos em conta este discurso pois é nele onde a ciência se desenvolve, onde o saber é o agente do discurso em uma tirania de um saber absoluto, da ciência como tudo (PORGE, 2006; QUINET, 2009).

O sujeito que é produzido a partir do discurso universitário é o sujeito da crença. A ideia de totalidade, unidade e universalidade da ciência produz um sujeito que busca um saber total, e esse saber absoluto só se encontra na divinação de uma crença (QUINET, 2009). A partir disso, refletimos que o movimento antivacina é produto do próprio discurso universitário, que prega um saber absoluto, mas não disponibiliza todas as respostas frente a questões como doenças como o autismo. Diante dessa falha do saber absoluto científico, o sujeito então busca em locais onde há um questionamento ao saber científico.

3. Apoios teórico-metodológicos

A constituição do corpus de nossa pesquisa tomou como base os trechos de uma entrevista da atriz Jenny McCarthy para a CNN (*Cable News Network*), canal de notícias norte americano, e do livro “*The Panic Virus*” do jornalista Seth Mnookin (2011).

A escolha pela entrevista do canal televisivo ocorreu devido à grande importância, abrangência e visibilidade do veículo de notícias, além do conteúdo da entrevista, onde a atriz relatou sua vida privada, em especial as aproximações que ela fazia sobre os efeitos das vacinas e a piora no quadro do transtorno do espectro autista de seu filho.

A opção pelo livro se fez por este conter entrevistas de Jenny McCarthy nos programas de entretenimento norte-americanos, a saber, ‘Oprah’ e ‘Larry King Live’. Nesses programas, a atriz apresentou argumentos científicos ao ser abordada quanto aos seus posicionamentos e participação

em grupos antivacina (e posteriormente, ‘*pro-safe*’). Estas entrevistas têm importância uma vez que o alcance de visualizações foi estimado entre 15 a 20 milhões de telespectadores (MNOOKIN, 2011). Para nós, ficou evidente o papel e o discurso de Jenny McCarthy na disseminação do movimento antivacina, visto que ela é uma celebridade e tem um alcance popular dentre os mais diferentes públicos.

A mídia pode também ser compreendida como um processo de redução daquilo que Orlandi (1995) chama da esfera do não-verbal (imagem, som etc.) pelo verbal (texto), produzindo um efeito de transparência da informação, ou seja, os sentidos veiculados são tidos como estanques, como uma ilusão de literalidade, cuja consequência é um viés conteudístico (o que “x” quer dizer), cuja formulação se dá no consumo pelo verbal. “É assim que a multimídia ganha unidade em sua representação: pelo verbal. Garantia de legibilidade, da interpretação, linguisticamente organizada” (ORLANDI, 1995, p.6). Dessa forma, a mídia passa a reforçar determinadas práticas em detrimento de outras, pelo controle dos sentidos veiculados, muitas vezes apoiando-se em determinados discursos para sua validação, pelo lugar de prestígio que ocupam em sociedade, como aqueles relativos a ciência.

Nesse sentido, o deslocamento do processo do conhecimento científico para a informação científica pode ser caracterizado como um discurso de divulgação científica, em que não é a soma da ciência e do jornalismo, mas uma articulação específica que estipula trajetórias entre o social e a ciência, não se tratando de uma tradução mas de um duplo movimento de interpretação. Os efeitos de tal processo são uma exterioridade da ciência, em que “a ciência sai de si, sai de seu próprio meio para ocupar um lugar social e histórico no cotidiano dos sujeitos” (ORLANDI, 2012, p. 152) se articulando por um “efeito de ciência”, o que no entanto, também se configura pelo não transporte de sentidos de um discurso a outro.

Além disso, Brockinton e Mesquita (2016) apontam que as consequências da divulgação científica podem ser impactantes pela combinação do grande interesse de seus leitores, que, aparentemente, em sua maioria, têm baixa escolaridade, e fácil acesso que estes têm, por conta das tecnologias de comunicação atuais. Assim, as informações podem ser inúteis e potencialmente prejudiciais se seus receptores não possuírem um nível suficiente de alfabetização científica para compreendê-las.

Quanto aos estudos referentes ao funcionamento discursivo, encontramos apoio da Análise de Discurso (AD) da escola francesa cujo fundador foi Michel Pêcheux, em que o discurso é compreendido como o efeito de sentido entre pontos A e B não-lineares em uma formação social, marcado sócio historicamente nas relações em que estabelecem e são estabelecidos, diante de práticas institucionais, ou seja, de seus contextos de produção (PÊCHEUX, 1997). Todo discurso

remete sempre à um “já-dito”, um discurso prévio ao qual ele atribui papel de matéria-prima, partindo de formações discursivas. A formação discursiva é tida como aquilo que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada numa conjuntura, em que “palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas” (PÊCHEUX, 2014, p.147), sendo a linguagem considerada em sua não transparência de sentido.

O discurso é o processo em que se observa a relação entre linguagem e ideologia, na qual a ideologia é compreendida como uma estrutura *omni*-histórica que “fornece a cada sujeito sua realidade, enquanto sistema de evidências e de significações” (PÊCHEUX, 2014, p.149), articulando-se não por ideias, mas práticas, em um processo sincrônico na constituição do sentido e do sujeito. Os processos discursivos estão sujeitos a dois elementos determinantes em sua execução: o efeito de pré-construído e o discurso-transverso. O pré-construído é aquilo que “remete a uma construção anterior, exterior, mas sem independente, em oposição ao que é construído pelo enunciado” (PÊCHEUX, 2014, p.89), ou seja, o que permite outros dizeres; e o discurso-transverso pode ser compreendido como a relação do sujeito com o sentido, sendo caracterizado como efeitos de causalidade em processos metonímicos. Assim, ao nos voltarmos para os recortes e seu funcionamento, tais elementos determinantes serão fundamentais em nossas análises.

4. Alguns efeitos de sentido sobre o movimento antivacina

De forma a atendermos nosso objetivo de pesquisa, ou seja, o de compreender como ocorre o funcionamento discursivo quanto aos processos de identificação e laço social no que diz respeito ao movimento anti-vacina, nos voltamos aos recortes de uma entrevista da atriz americana Jenny McCarthy, considerada importante neste cenário por trazer seus relatos e se utilizar de pesquisas científicas para sustentar seu discurso. Apesar de posteriormente afirmar não ser pertencente ao movimento antivacina, mas sim, *‘pro-safe’* voltado a discussão de vacinas mais seguras, seu lugar é hegemônico. A atriz americana ganhou espaço no movimento antivacina com seu ativismo após ter seu filho, Evan, diagnosticado com autismo quando tinha 2 anos e meio, após uma série de vacinações. McCarthy ajudou a organizar movimentos de pais preocupados com a relação entre vacina e autismo, sobretudo, a respeito da pesquisa fraudulenta de Andrew Wakefield, na revista médica *The Lancet*.

Trazemos alguns recortes em que McCarthy faz referência aos termos “*mommy instinct*” e “*mommy warriors*” ao identificar um comportamento exclusivo de sujeitos que lutam pela sua prole, como uma convocação massiva a identificação dos ideais do eu e do super ego para sustentar

suas colocações acerca do movimento, por um processo de pré-construído (em negrito) sobre o lugar de mãe, sendo aquela que nutre e luta pelo seu filho:

A mother wrote in to say that she had decided not to give her child the MMR vaccine “due to the autism link.” McCarthy was delighted. “I’m so proud you followed your *mommy instinct*”³ (MNOOKIN, 2011, p. 256, grifo nosso).

Em outra entrevista, a atriz articula sua fala sustentada pelo poder da evidência e da prova, como por um efeito de ciência, o que, no entanto, conforme visto no discurso-transverso (sublinhado) no trecho a seguir, tem sua garantia pelo relato e experiências de vida.

Do I know that exact link? No. I don’t have *that proof*. But I’ve got *evidence* in Evan. And I’ve got evidence in thousands and hundreds of thousands of parents all over the world. And these are the *mommy warriors* that will make change because we have to⁴ (FRONTLINE, 2015, grifo nosso).

É interessante notar no trecho abaixo como os termos ‘*our community/our side*’ se colocam no jogo de tensão entre o discurso médico e o movimento antivacina/*pro-safe*, como lados de disputa, em que a comunidade médica ocupa um lugar de contradição, cuja produção científica ora provê respostas, ora marginaliza. É exatamente este processo de marginalização, do sujeito que é tido como resto do saber científico (QUINET, 2009), que contribui para a sua falta de fé na ciência. Assim, no trecho a seguir ‘*our community/our side*’ parte um pré-construído específico da formação discursiva do movimento que McCarthy se assujeita, sustentada pela esperança e “por outras saídas”:

You have a choice of listening to the medical community, which offers no hope, or you can listen to *our community*, which offers hope . . . *Our side* at least gives you . . . somewhere to go⁵ (MNOOKIN, 2011, p. 252, grifo nosso).

Em nosso último recorte, trazemos uma das falas em que Jenny se utiliza de pesquisas científicas para justificar a crença de seu grupo, em um movimento de contradição ao considerar o trecho anterior.

³ Tradução livre: “Uma mãe escreveu dizendo que ela havia decidido não dar a vacina contra sarampo, caxumba e rubéola para sua criança devido a ligação da vacina com o autismo. McCarthy ficou orgulhosa. “Eu fiquei muito satisfeita de você ter seguido seu instinto materno”.”

⁴ Tradução livre: “Eu sei da ligação exata? Não. Eu não tenho essa prova. Mas eu tive evidência no Evan. E tive evidências em milhares e centenas de milhares de pais ao redor do mundo. E estas são as mães guerreiras que irão fazer a diferença porque precisamos.”

⁵ Tradução livre: “Você tem a chance de ouvir a comunidade médica que oferece nenhuma esperança ou você pode ouvir a nossa comunidade que oferece esperança... O nosso lado pelo menos te dá... para onde ir.”

In our community we say, “Yeah.” We firmly believe the cause of the epidemic of autism is due to a vaccine injury and/or other environmental exposures — pesticides also. But what on this earth we all kind of share the most is vaccines. *This consensus report*⁶ that just came out, we feel in our community somewhat excited about, because they’re acknowledging that *there are GI [gastrointestinal] issues associated with autism*⁷ (FRONTLINE, 2015, grifo nosso).

Considerações finais

Por meio de nossas análises, compreendemos que o funcionamento discursivo acontece por pré-construídos e discursos-transversos que parecem apontar para processos inconscientes de identificação grupal por um ideal desses pais que formam esse grupo a partir do laço social, por meio do uso das expressões como ‘*mommy instinct*’ e ‘*mommy warriors*’ e o reconhecimento grupal pelo termo ‘*our community*’, sustentados na fala de Jenny McCarthy.

O laço social entre os sujeitos crentes localiza os processos inconscientes identificatórios e de laço social, enquanto os articuladores do macrocosmo social e do individual. Isso pode ser observado na formação grupal dos pais de filhos portadores do transtorno do espectro autista em um movimento, cujo ponto de referência é uma celebridade que dialoga com suas experiências e expectativas pessoais articuladas em um movimento público, em que há circulação de dizeres como “our community... our hope” fomentando a identificação inconsciente e o vínculo social entre eles.

Referências

BROCKINGTON, G.; MESQUITA, L. As consequências da má divulgação científica. *Revista da Biologia*, v. 15, p. 29-34, 2016.

BUIE, T.; CAMPBELL, D.B.; FUCHS III, G.J.; FURUTA, G.T.; LEVY, J.; VAN DE WATER, J.; WHITAKER, A.H.; ATKINS, D.; BAUMAN, M.L.; BEAUDET, A.L.; CARR, E.G.; GERSHON, M.D.; HYMAN, S.L.; JIRAPINYO, P.; JYONOUCHI, H.; KOOROS, K.; KUSHAK, R.; LEVITT, P.; LEVY, S.E.; LEWIS, J.D.; MURRAY, K.F.; NATOWICZ, M.R.; SABRA, A.; WERSHIL, B.K.; WESTON, S.C.; ZELTZER, L.; WINTER, H. Evaluation, diagnosis, and treatment of gastrointestinal disorders in individuals with ASDs: a consensus report. *Pediatrics*, v. 125, suppl. 1, S1-S18, 2010.

DINIZ, M. O.; FERREIRA, L. C. S. Biotecnologia aplicada ao desenvolvimento de vacinas. *Estud. Av.*, v. 24, n. 70, p. 19-30, 2010.

⁶ Artigo científico que traz uma relação entre autismo e desordens gastrointestinais. Ver mais: Buei *et al* (2010).

⁷ Tradução livre: “Na nossa comunidade nós dizemos ”Isso!”. Acreditamos firmemente que a causa da epidemia de autismo é devido a uma lesão vacinal e/ou outras exposições ambientais – Pesticidas também. Mas o que compartilhamos mais são as vacinas. Este relatório que acabou de sair animou nossa comunidade pois eles estão reconhecendo que há problemas gastrointestinais associados ao autismo.”

FRONTLINE. *The vaccine war – Jenny McCarthy: “We’re not an anti-vaccine movement...we’re pro-safe vaccine”*. 2015. Disponível em: <<https://www.pbs.org/wgbh/frontline/article/jenny-mccarthy-were-not-an-anti-vaccine-movement-were-pro-safe-vaccine/>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. Trad: Pedro Tarnen. 4. ed, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MNOOKIN, S. *The panic virus: a true story of medicine, science, and fear*. Nova Iorque: Simon and Schuster, 2011.

ORLANDI, E. P. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. *Revista do Laboratório de Estudos Urbanos*, v.1, n.1, p. 35-47, 1995.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, Silvana Mabel Serrani. 5. ed, Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

_____. Análise automática do discurso (1969). In: GADET, F.; HAK, Tony (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed, Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PORGE, E. *Jacques Lacan, um Psicanalista: percurso de um ensino*. Trad: Cláudia Thereza Guimarães de Lemos, Nina V. Leite e Viviane Veras. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

QUINET, A. *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

SANTOS, Z. M. S. A.; ALBUQUERQUE, V. L. M.; SAMPAIO, F. H. S. Vacinação: o que o usuário sabe. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, v. 18, n. 1, p. 24-30, 2012.

SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B.; MELLO, R. P. Perigo, probabilidade e oportunidade: a linguagem dos riscos na mídia. *Psicol. Reflex. Crit.*, v. 15, n. 1, p. 151-164, 2002.

TRINDADE, E. Antivacina: o medo vence a ciência? *FEHOESP*, ed. 8, p. 19-25, 2017.

VASCONCELLOS-SILVA, P. R., CASTIEL, L. D.; BAGRICHEVSKY, M.; GRIEP, R. H. Panacéias disseminadas pela Internet e pacientes vulneráveis: como conter um mercado de ilusões? *Rev Panam Salud Publica*, v.29, n.6, p.469-474, 2011.

VASCONCELLOS-SILVA, P. R.; CASTIEL, L. D.; GRIEP, R. H. A sociedade de risco midiaticizada, o movimento antivacinação e o risco do autismo. *Ciênc. saúde coletiva*, v. 20, n. 2, p. 607-616, 2015.

VAZ, A. C. *Tudo pela fama: idealizações narcísicas na contemporaneidade*. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF. Disponível em: <<https://bit.ly/unbandrea>>. Disponível em: 24 jun. 2020.